

Fórmulas da sexualização e identidades de gozo - Leituras, questões e problemas

Marcus do Rio Teixeira

Recentemente postei um texto¹ em que comentava as chamadas identidades de gozo apresentadas por Lacan nas suas fórmulas da sexualização (1972/73). Nesse texto eu chamava a atenção para alguns problemas recorrentes que noto em certas leituras das ditas fórmulas e que considero muito graves. Vou tentar resumi-los, correndo o risco de passar demasiado rápido por questões importantes.

Em primeiro lugar, as fórmulas se referem a *posições de gozo* e não a *escolhas de objeto*. Dito isto, questionar um suposto conservadorismo de Lacan, que privilegiaria o laço heterossexual, perguntar: “Onde estão os gays nessas fórmulas?” (como eu já escutei), simplesmente não tem sentido, pois não é dessa questão que se trata. Lacan define logicamente a constituição das posições de gozo a partir das quais o ser sexuado pode abordar os pequenos outros, correspondentes ou não ao seu sexo anatômico. Falar em “heteronormatividade”, por sua vez, é importar uma noção de uma teoria acadêmica, que se origina de uma leitura confusa dos textos de Lacan, entre outros autores, com a pretensão de fazer dessa leitura a chave para a compreensão da teoria da sexualização do próprio Lacan. Que tais contorcionismos teóricos produzam um *frisson*, um gozo intelectual em alguns acadêmicos, pode inspirar a produção de teses, mas não pode servir de pretexto para alterar a teoria e a prática psicanalíticas.

Da mesma forma, falar em “gênero” para se referir às posições descritas nas ditas fórmulas incorre no mesmo erro, com um agravante. Sendo o gênero, na definição de Judith Butler, “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”, tal noção reduz o que seria da ordem da identidade sexual ao caráter meramente performativo de atos, condutas, maneiras de agir, etc. Reduzindo, portanto, tais identidades ao Imaginário e excluindo o Simbólico e o Real (que simplesmente não têm qualquer importância na teorização dessa autora).

Ora, o movimento de Lacan vai justamente no sentido oposto: ele constrói uma concepção das identidades sexuais ou identidades de gozo que parte do real da não-relação [*rapport*] sexual e do simbólico da função fálica. O que fica de fora nessa concepção é justamente o imaginário, o semblante que cada um ou cada uma vai construir a partir daí para ser reconhecido(a) pelo pequeno outro enquanto ser sexuado. A construção imaginária do semblante é de grande importância para o sujeito no exercício da sua sexualidade, mas não é o fator que atua na constituição da sua identidade de gozo. Ou seja, Lacan produz uma teoria da sexualização que não diz respeito ao gênero de forma alguma.

Em segundo lugar, gostaria de abordar outro problema recorrente em diversas leituras das fórmulas. É comum encontrarmos em artigos, ensaios, palestras, etc., a afirmação de que, para Lacan, as identidades sexuais “não têm nada a ver com a anatomia” (sic). Essa afirmação é tão problemática que

¹ TEIXEIRA, M. do R. *Identidades de gozo/identidades sexuais nas fórmulas da sexualização*. <http://www.agalma.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Identidades-de-gozo-Copia-1.pdf>

mereceria ser comentada em um texto separado. Vejamos aqui alguns pontos que considero importantes. Os comentários de Lacan no *Seminário 20, Mais, ainda*, ressaltando que as mulheres podem ocupar a posição que ele denominou de masculina, se assim preferirem, e os homens vice-versa, são bastante conhecidos. Quanto à conclusão de que as posições ditas masculina e feminina “não têm nada a ver com a anatomia”, isso fica por conta da leitura de alguns lacanianos.

Tal leitura leva a supor que para cada sujeito a sua identidade sexual seria estabelecida aleatoriamente, num percentual de 50% de probabilidade, como num jogo de cara ou coroa. Ora, uma simples checagem do nosso entorno permite constatar que essa distribuição aleatória das identidades sexuais não ocorre na realidade. Nesse ponto alguém poderia objetar que, se tal distribuição das identidades não ocorre, isso se deve à “heteronormatividade”, que impõe um gênero correspondente à anatomia. Observem que retornamos ao problema descrito acima: ao importar uma noção da teoria do gênero, se introduz de contrabando uma concepção da sexualização constituída a partir do Imaginário, na qual o fator determinante da identidade de gozo não é mais a função fálica e sim a ideologia, a cultura, o “social”, etc.

Colette Soler assim comenta a relação entre a anatomia e a identidade sexual:

“Não há essência do masculino e do feminino, por conseguinte, não há obrigação: a anatomia não é o destino. Tendo cada um a liberdade, diz Lacan, de se alinhar de um lado ou do outro, existe escolha para ambos os sexos. [...] Entretanto, convém notar que, nessa matéria, não pode tratar-se de uma liberdade por indiferença, porque o significante está ligado à anatomia. É um órgão do corpo que dá sua representação ao significante falo, e por isso se diz que um indivíduo é menino ou menina, antes de qualquer posição do sujeito. Logo, se há uma escolha, é pelo menos uma escolha vivamente aconselhada.”²

Soler situa dessa forma o real do corpo como um componente da sexualização, ainda que não seja um componente determinante. Notem, porém, a nuance que é aqui introduzida, e que difere enormemente da afirmação de que a sexualização “não tem nada a ver com a anatomia”. Esta última executa uma hipérbole das afirmações de Lacan e pressupõe uma redução do corpo a uma construção social. Essa concepção, pedra angular das teorias do gênero, suprime o corpo real enquanto dado inegociável, aquele com o qual se nasce e não pode ter seu código genético e sua anatomia mudados pela linguagem ou pelo jogo imaginário. Para modificar, por exemplo, os seus órgãos genitais, é preciso uma intervenção cirúrgica. Deixar-se fascinar pelas teorias que visam substituir o real do corpo por uma construção social é uma escolha pessoal. Pretender que tal concepção seja coerente com a teoria psicanalítica é algo completamente diferente.

Na mesma linha, observa-se uma tendência contemporânea em tomar a solução histórica, que se coloca na posição masculina, fazendo uma analogia com o transexualismo (ou com as “pessoas trans”, como quer o jargão em voga). A confusão teórico-clínica, nesse caso, é muito mais grave. Confunde-se,

² Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 226.

em suma, a posição da histérica que migra - no caso da histeria feminina - para uma posição masculina, na qual banca o homem, assumindo um falicismo igual ou superior ao dos seus parceiros, com a situação do transexual, que não reconhece seu sexo anatômico como sendo o sexo que sente como o seu.

Porém, cabe ressaltar que a migração da histérica para a posição masculina se faz sem que ela abdique do que se chama o “gênero” feminino: não se trata de uma “mudança de gênero”. Ao contrário, se podemos encontrar histéricas que se apresentam como viris, é preciso lembrar que o ideal cultivado pela nossa cultura, da mulher sedutora e fatal, é encarnado pela histérica.

Vejamos o que diz Melman acerca da distinção entre a histeria e o transexualismo:

“O ideal histérico é de incitar até as suas mais extremas consequências a faculdade de substituição, mas se detém diante de sua realização; ele se choca de maneira inesperada com o poder da nomeação, da eleição, do arbitrário, noção eminentemente reacionária, já que indiferente à qualidade da pessoa, privilegiando somente sua aptidão à procriação. O real do corpo, de sua anatomia, é, no final de contas, o elemento último que permite crer em uma escolha, uma eleição e uma dileção, que seriam operadas pelo pai. O transexualismo só é possível assim na condição de foracluir seu Nome, circunstância que, no mesmo movimento, o inscreve no quadro das psicoses.”³

Assim sendo, o transexualismo não se situaria nas fórmulas, que supõem a passagem pela castração simbólica. A inclusão do transexualismo na estrutura psicótica gera polêmica entre os críticos da psicanálise lacaniana, que a acusam de “patologizar” escolhas sexuais. Sem entrar na discussão acerca do sentido do termo “escolha”, cabe frisar alguns pontos. Em primeiro lugar, quando Lacan fala em neurose, psicose e perversão, não se trata de patologias, mas de estruturas clínicas que dizem respeito a diferentes posições do sujeito face à castração, ao desejo e ao gozo.

Outro ponto - e aqui arrisco uma hipótese - é que o diagnóstico do transexualismo como psicose, elaborado por Lacan no seu famoso comentário do livro de Robert Stoler, *Sex and Gender*, não se aplicaria àqueles que a mídia nomeia genericamente como “trans”. Ao contrário do transexualismo clássico descrito por Stoler, em que o sujeito tem a convicção de pertencer a um sexo diferente do seu sexo anatômico, o qual lhe causa extremo sofrimento, aqueles que são nomeados (ou se nomeiam) como “trans” não experimentam o mesmo tipo de convicção em relação ao sexo ao qual afirmam pertencer. Sua atitude se assemelha muito mais a formas diversas de travestismo e jogos com o semblante. Assim, não seria possível pensar numa estrutura comum a todos, já que agrupariam posições diversas.

Quando a psicanálise busca precisar um diagnóstico, ela não o faz por um furor nosológico, mas para precisar qual a posição do sujeito face ao desejo e ao gozo e com isso fazer avançar a sua clínica. Longe de ser uma atitude preconceituosa, essa abordagem possibilita desfazer a ignorância e o preconceito presentes na sociedade. O que é difícil de compreender é a atitude daqueles que, em nome de um suposto combate ao preconceito, buscam minar teoricamente as proposições teóricas da psicanálise, introduzindo concepções que a negam.

³ MELMAN, C. *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris: Joseph Clims/Denoël, 1984. p. 246.

